

A montanha mágica

Thomas Mann



Romance alemão

Primeira leitura: 1973

DF, jan / 2017

leitor: Armindo

A montanha mágica

Gênero: político-social;

Espaço: Sanatório Internacional Berghof, Davos-Platz, Alpes Suíços;

Tempo: primeiro quartel do século XX;

Narrador: 3ª pessoa;

Personagens principais:

Hans Castorp – protagonista, num protagonismo absoluto;

Joachim Ziemssen – o primo que Hans visita no Sanatório;

Settembrini e Naphta – senhores cultos que se destacam pelo saber religioso, filosófico, social, etc.;

Behrens e Krokowski – médicos do Sanatório;

Clawdia Chauchat – para Hans, por um efeito de memória da infância, aproxima-se do ideal erótico;

Pieter Peeperkorn – homem de grande envergadura, o terceiro mestre.

Uma apreciação de leitura

A montanha mágica,

de Thomas Mann

Obra-prima! Lê-se com crescente agrado, num fruir sereno, sem arroubos. Desperta-nos o interesse intelectual. E o virar de cada página se faz por manifesta necessidade.

Não há suspenses, intrigas, conflitos, comições – há uma vida! Hans Castorp, personagem que, com sede de saber, constrói-se a si mesmo, protagonista de protagonismo absoluto.

Portanto, tem-se o percurso de Hans Castorp que deixa a planície alemã (Hamburgo) e sobe às montanhas suíças (Davos-Platz, no cantão dos Grisões, p. 13).

A pretexto de uma visita ao primo Joachim, paciente do Sanatório Internacional Berghof, Hans viaja de trem e lá se hospeda para acompanhar o primo por três semanas. As três semanas acabam, e ali fica internado porque descobre que sofre do mesmo mal, tuberculose.

A internação se prolonga por sete anos por razões que vão além da doença. Acomoda-se à montanha. Afinal, os elos com a planície são fracos. É órfão, e os parentes se fazem distantes. Na montanha, de moto próprio, busca o conhecimento, enriquece-se culturalmente, em especial usufruindo a companhia de dois mestres: o Sr. Settembrini e o Sr. Naphta.

Settembrini e Naphta desenvolvem longas disputas cujas argumentações fazem de Hans Castorp um aluno privilegiadamente interessado. São argumentações religiosas, filosóficas, pedagógicas, históricas, literárias, etc. que deixam Castorp em suspenso.

Os dois *mestres* incorporam visões diametralmente opostas. O primeiro é humanista na linha do Renascimento italiano e, vinculado à Maçonaria, coloca-se pelo desenvolvimento humano – desenvolvimento até pela via revolucionária e livre de peias religiosas. O segundo, mantendo vínculos estreitos com a Ordem dos Jesuítas, advogava o poder da Igreja. Também esperava uma revolução, mas aquela que instaurasse em definitivo o governo de Deus.

A disputa era em alto nível em que o saber, reverenciado, mantinha os contendores em respeitosa cortesia, o que não evitou que, já para o final do romance, a emulação acabasse de forma trágica. Numa derradeira disputa a altercação levou-os a um duelo: este acabou por se constituir num clímax narrativo, de grande apelo dramático por resultar de um gesto consciente e sadicamente pedagógico de um dos contendores, não revelado aqui por deferência à obra do autor.

A narração termina com o herói, bem ou mal curado, a descer as montanhas. Ao chegar à planície, junta-se a muitos outros jovens, sonhadores e bons, porque na idade de serem bons, para, em obediência a um destino imposto, morrer nas pavorosas trincheiras da Grande Guerra.

Ao pegar o trem de volta, despediu-se do Sr. Settembrini, e este “acenou com a mão direita, enquanto, com a ponta do dedo anular da esquerda, tocava delicadamente o canto de um dos olhos.” p. 824

Três elementos ou motivos temáticos se destacam na estruturação da obra: o tempo, a música e o belo masculino.

O *tempo*, que Castorp não consegue definir, é constante ao longo da narração: “corresponde às leis do narrar e do ouvir. Pois está bem e corresponde às ditas leis que o tempo se torne para nós tão longo ou tão curto que ele se afigure tão vasto ou tão reduzido à nossa experiência quanto o é para o jovem Hans Castorp, o herói de nossa história,” p. 213

A *música* permeia a obra com frequentes referências, e há momentos de demoradas descrições, assim com as óperas “Carmen” de Bizet e “Aída” de Verdi* (Notas em anexo). Dela falam dois personagens:

“A música é inestimável como meio supremo de produzir entusiasmo, como força que faz avançar e subir, mas só para pessoas cujos espíritos já estejam preparados para os seus efeitos”. (Settembrini);

“Não sou um entendido em música, de modo algum, e aquilo que tocam para nós não é grande coisa (o Sanatório oferecia, de tempo em tempo, um concerto). As peças não são nem clássicas nem modernas. É uma charanga e nada mais. Mesmo assim, representa uma variação agradável que, de forma decente, preenche algumas horas; quero dizer que as assinala e as ocupa, de modo que elas tenham algum valor próprio, ao passo que em geral se desperdiçam aqui horas e dias e semanas de um modo simplesmente pavoroso.” (Joaquim) pp. 134/35

O *belo masculino* literário é ocorrência significativa nesta e em outras obras do autor como em *A morte em Veneza* e *Tonio Kröger*, *As cabeças trocadas* e *José e seus irmãos*.

Em “A montanha mágica” Hans Castorp ama a paciente Clawdia Chauchat, não por ela mesma, mas porque nela tem o reflexo de um discípulo que conheceu no colégio e que por ele nutria intenso interesse afetivo. Era Pribislav Hippe, e Clawdia reproduzia-lhe os belos olhos quirguizes: “Pribislav, todo ele, em carne e osso. Eu nunca teria pensado que tornaria a vê-lo tão nitidamente” (p. 145).

O tempo e a música estão também com muita ênfase nas obras *Doutor Fausto* e *Os Buddenbrook*.

Por fim, o terceiro mestre, o homem de grande envergadura: Pieter Peeperkorn.

Este personagem aparece no adiantado da narração, à p. 630, e não é um personagem meramente casual de insignificância narrativa. Chega ao Berghof acompanhando madame Chauchat. É uma figura deveras curiosa que cria um ambiente em que, ocupando o centro, magnetiza a todos que lhe estejam em volta. Hans Castorp se rende a esse magnetismo de tal maneira que Peeperkorn passa a ser uma terceira referência equivalente à de Settembrini e Naphta, estes na esfera do racional, o outro na esfera do sentimento.

Peeperkorn destacava-se pela linguagem desarticulada: “Está em vista... Para breve, embora a ponderação, por enquanto... bem. Basta!” (p. 652). Falava e nada dizia de coerente, contudo a coerência estaria nele mesmo, na figura, na majestade do porte, no que Hans Castorp tinha por “homem de grande envergadura”.

Era holandês colonial, nascido em Java, e uma que outra vez Castorp vê nele um *capitão*. Pergunta-se até que ponto a construção do personagem escaparia a uma relação com o *holandês errante* da ópera “O Navio Fantasma” de Wagner: “logo começavam a sentir o encanto da sua personalidade; deixavam-se ficar, sorriam, faziam-lhe com a cabeça acenos alentadores, esqueciam-se de si próprios, fascinados pelos olhos sem cor sob as poderosas rugas da testa; com a atenção presa aos gestos elegantes e insistentes das mãos de unhas compridas,..”. (p. 641).

Enfim, é um personagem tardio na obra e que logo desaparece. No entanto tem-se a impressão de que sem ele o herói (Castorp) ficaria menos herói, e a obra um romance incompleto.

* *A montanha mágica* contém inúmeras alusões e menções diretas à música, em especial no capítulo “Abundância de harmonia” (Posfácio a várias mãos, rodapé, p. 829).

*

A leitura de *A montanha mágica* remeteu-me, e não identifiquei ainda a razão, a uma obra que lhe é contemporânea: *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust. Obras que têm a marca do melhor da literatura do século XX.

(MANN, Thomas. *A Montanha Mágica*. Trad. de Herbert Caro, São Paulo, Companhia das Letras, 2016)